

CORMAC McCARTHY

Todos os belos cavalos

TRADUÇÃO
Marcos Santarrita

ALFAGUARA


Copyright © 1992 by Cormac McCarthy
Esta tradução é publicada por acordo com a Alfred A. Knopf, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
All the Pretty Horses

Capa
Christiano Menezes

Preparação
Ana Kronemberger

Revisão
Dan Duplat
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

McCarthy, Cormac
Todos os belos cavalos / Cormac McCarthy ; tradução Marcos Santarrita. — 1^a ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2017.

Título original: All the Pretty Horses.
ISBN 978-85-5652-046-3

i. Ficção norte-americana I. Santarrita, Marcos.
II. Título.

17-05173

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19 — sala 3001
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
twitter.com/alfaguara_br

Todos os belos cavalos

I

A chama da vela e a imagem da chama da vela refletida no espelho do aparador curvaram-se e aprumaram-se quando ele entrou na sala e de novo quando fechou a porta. Ele tirou o chapéu e adiantou-se devagar. As tábuas do assoalho rangeram sob as botas. De terno negro, ficou de pé diante do vidro escuro onde os lírios se curvavam muito pálidos no vaso de cristal cinturado. Das paredes do frio corredor pendiam os retratos dos antepassados que ele mal conhecia emoldurados em vidro e pouco iluminados acima dos estreitos lambris. Ele baixou os olhos para o toco de vela rodeado de cera derretida. Presionou o polegar na poça de cera sobre o verniz do carvalho. Por fim olhou o rosto muito murcho e franzido entre as dobras da mortalha, o bigode amarelado, as pálpebras finas como papel. Aquilo não era dormir. Aquilo não era dormir.

Lá fora estava escuro e frio e sem vento. Um bezerro mugiu ao longe. Ele continuou de pé com o chapéu na mão. O senhor nunca penteou o cabelo desse jeito quando estava vivo, disse.

Dentro de casa não se ouvia um som a não ser o tique-taque do relógio na cornija da lareira na sala da frente. Ele saiu e fechou a porta.

Escuro e frio e sem vento e um fino recife cinzento que começava na borda oriental do mundo. Ele andou até a pradaria e por um longo tempo ficou de pé segurando o chapéu como um pedinte à escuridão que cobria a todos.

Quando se virou, ouviu o trem. Parou e esperou. Sentia-o debaixo dos pés. Vinha do leste a varar a escuridão como um satélite obsceno do sol que nasceria berrando e uivando ao longe e o comprido facho do farol correndo no meio do emaranhado de galhos de algarobos e fazendo emergir da noite a interminável cerca ao longo da linha principal e sugando-a de volta arame e mourão milha a milha

para dentro da escuridão atrás onde a fumaça da caldeira se desfazia lentamente no ténue novo horizonte e o som vinha em seguida e ele ainda estava parado segurando o chapéu durante a passagem do tremor de terra olhando até o trem desaparecer. Então se virou e voltou para a casa.

Ela ergueu o olhar do fogão quando ele entrou e olhou-o de cima a baixo em seu terno. *Buenos días, guapo*, disse.

Ele pendurou o chapéu num gancho junto à porta em meio a capas de chuva e mantas e peças diversas de arreios e aproximou-se do fogão e pegou seu café e levou-o para a mesa. Ela abriu o forno e tirou uma bandeja de pães doces que fizera e os colocou num prato e foi depositá-los à frente dele junto com uma faca para a manteiga e passou a mão na nuca dele antes de voltar ao fogão.

Obrigado por ter acendido a vela, ele disse.

Cómo?

La candela. La vela.

No fui yo, disse ela.

La señora?

Claro.

Ya se levantó?

Antes que yo.

Ele tomou seu café. Lá fora surgia uma luz granulada e Arturo vinha subindo em direção à casa.

Ele viu seu pai no funeral. Parado sozinho do outro lado da trilha de cascalho junto à cerca. A certa altura foi até seu carro na rua. Depois voltou. Soprara um vento norte no meio da manhã e císcos de neve misturavam-se com a poeira no ar e as mulheres sentadas seguravam os chapéus. Haviam armado um toldo sobre o lugar da sepultura mas o vento vinha de lado e não adiantava nada. A lona balançava e batia e as palavras do pregador perdiam-se no vento. Quando acabou e os enlutados se levantaram para ir embora as cadeiras de lona em que se sentavam saíram rolando por entre os túmulos.

À tardinha ele selou o cavalo e partiu de casa rumo ao oeste. O vento diminuía bastante e fazia muito frio e o sol fulgia rubro e en-

viesado sob os recifes de nuvem vermelho-sangue à frente. Cavalgou onde sempre gostava de cavalgar, lá onde a bifurcação oeste da velha trilha comanche que descia da região dos kiowa no norte atravessava o extremo oeste da fazenda e se via sua linha tênue seguindo para o sul pela baixa pradaria entre as bifurcações norte e do meio do rio Concho. Na hora de que sempre gostava quando as sombras se alongavam e a antiga trilha se estendia à sua frente na luz rósea e enviesada como um sonho do passado em que os potros pintados e os cavaleiros daquela nação perdida desciam do norte com os rostos caiados e os compridos cabelos em tranças e todos armados para a guerra que era a vida deles e as mulheres e crianças e as mulheres com crianças de peito todas juradas de sangue e só em sangue redimíveis. Quando o vento vinha do norte era possível ouvi-los, os cavalos e o resfolegar dos cavalos e os cascos dos cavalos calçados de couro cru e o matraquear das lanças e o arrastar constante dos trenós na areia como a passagem de uma enorme serpente e os jovens nus sobre vistosos cavalos selvagens parecendo cavaleiros de circo e tocando os cavalos velhos à frente e os cachorros trotando com a língua de fora e os escravos a pé seguindo seminus e sobrecarregados e acima de tudo o canto baixo do hino da jornada que os cavaleiros cantavam enquanto seguiam, nação e fantasma de nação a cruzar num baixo coral aquele deserto mineral rumo às trevas levando perdida para toda a história e toda a lembrança como um graal a soma de suas vidas seculares e transitórias e violentas.

Cavalgou com o sol acobreando seu rosto e o vento rubro soprando do oeste. Dobrou para o sul pela velha trilha de guerra e subiu ao topo de uma pequena elevação e desmontou e soltou as rédeas e afastou-se um pouco e parou como alguém que chegava ao fim de algo.

Viu uma velha caveira de cavalo no matagal e agachou-se e pegou-a e virou-a nas mãos. Frágil e quebradiça. Papel branco descorado. Ficou agachado à luz comprida segurando-a, os dentes de história em quadrinhos soltos nos encaixes. As juntas do crânio parecendo uma solda irregular das placas cranianas. O silencioso fio de areia escorrendo da caixa craniiana quando a virou.

Do que ele gostava nos cavalos era o mesmo de que gostava nos homens, o sangue e o calor do sangue que neles corria. Dedicava

todo o seu respeito e todo o seu carinho e todas as inclinações de sua vida aos que tinham coração ardente e sempre seria assim e nunca de outro jeito.

Voltou cavalgando no escuro. O cavalo apertou o passo. A última luz do dia abria-se lentamente em leque sobre a planície atrás e voltava a retirar-se pelas bordas do mundo num refrescante azul de sombra e crepúsculo e frio e uns últimos e poucos chilreios de pássaros isolados no matagal escuro e emaranhado. Tornou a cruzar a velha trilha e teve de virar o cavalo para a planície e a casa mas os guerreiros continuariam a cavalgar naquela escuridão em que se transformariam, passando com seus instrumentos de guerra da Idade da Pedra a matraquear sem qualquer substância e cantando baixinho no sangue e ansiando pelo México ao sul além das planícies.

A casa fora construída em mil oitocentos e setenta e dois. Setenta e sete anos depois seu avô ainda era o primeiro homem a morrer nela. Os outros que ali tinham sido velados eram trazidos em cima de uma porta ou embrulhados numa lona de carroça ou entregues encaixotados numa caixa de pinho cru com um carroceiro parado na porta com a conta do carro. Isso os que chegavam. Na maior parte, estavam mortos segundo boatos. Uma tira de jornal amarelada. Uma carta. Um telegrama. A fazenda original tinha dois mil e trezentos acres segundo a medição do velho Meusebach da concessão Fisher-Miller, a casa original era uma toca de um cômodo de gravetos e varas. Isso fora em mil oitocentos e sessenta e seis. Naquele mesmo ano o primeiro gado fora tangido pelo que ainda era Bexar County e cortara a ponta norte da fazenda rumo a Fort Sumner e Denver. Cinco anos depois seu avô enviara seiscentos novilhos pela mesma trilha e com o dinheiro construirá a casa e a essa altura a fazenda já tinha dezoito mil acres. Em mil oitocentos e oitenta e três passou-se o primeiro arame farpado. Em oitenta e seis os búfalos já haviam desaparecido. Naquele mesmo inverno uma séria mortandade. Em oitenta e nove Fort Concho fora desmantelado.

Seu avô fora o mais velho de oito rapazes e o único a passar dos vinte e cinco anos de idade. Afogados, baleados, escoiceados por ca-

valos. Morreram em incêndios. Parece que só tinham medo de morrer na cama. Os dois últimos tinham sido mortos em Porto Rico em mil oitocentos e noventa e oito e naquele ano ele casara e trouxera a noiva para a fazenda e deve ter saído e ficado parado a olhar suas posses e a refletir sobre os longos caminhos de Deus e as leis da primogenitura. Doze anos depois, quando a esposa fora levada por uma epidemia de gripe, ainda não haviam tido filhos. Um ano depois casara-se com a irmã mais velha da esposa morta e com mais um ano nascera a mãe do rapaz e fora o único nascimento. O nome Grady foi enterrado com o homem naquele dia em que o vento norte soprou as cadeiras de lona sobre a grama morta do cemitério. O rapaz chamava-se Cole. John Grady Cole.

Ele se encontrou com o pai no saguão do St. Angelus e saíram andando pela Chadbourne Street até o Eagle Café e sentaram-se num reservado nos fundos. Algumas pessoas às mesas pararam de conversar quando eles entraram. Alguns homens cumprimentaram o pai com a cabeça e um deles disse o seu nome.

A garçonete chamava todo mundo de boneco. Anotou os pedidos e flertou com ele. O pai pegou os cigarros e acendeu um e pôs o maço na mesa e o isqueiro Zippo da Terceira Infantaria em cima e encostou e ficou fumando e encarando. Ele disse ao pai que o tio Ed Alison fora ao pregador depois do funeral e apertara a mão dele, os dois ali parados segurando os chapéus e curvados trinta graus sob o vento como personagens de teatro de variedades enquanto a lona balançava e rugia em torno deles e os participantes do funeral correndo atrás das cadeiras, e o tio curvara-se sobre o rosto do pregador e gritara-lhe que fora bom terem feito o enterro naquela manhã porque do jeito que iam as coisas aquilo podia virar uma verdadeira tempestade antes do fim do dia.

O pai riu em silêncio. Depois começou a tossir. Tomou um gole de água e ficou sentado fumando e balançando a cabeça.

Quando Buddy voltou da fronteira me disse que uma vez parou de ventar lá em cima e todas as galinhas caíram.

A garçonete trouxe o café deles. Aí está, bonecos, disse. Já vou pegar o pedido de vocês daqui a pouco.

Ela foi pra San Antonio, disse o rapaz.

Não chame ela de ela.

Mamãe.

Eu sei.

Tomaram o café.

Que pensa fazer?

Sobre o quê?

Sobre qualquer coisa.

Ela pode ir pra onde quiser.

O rapaz o observava. O senhor não devia fumar essas coisas, disse.

O pai franziu os lábios e tamborilou os dedos na mesa e ergueu a cabeça. Quando eu resolver perguntar a você o que devo fazer, aí você vai saber que já está crescendo bastante pra me falar, disse.

Sim, senhor.

Precisa de algum dinheiro?

Não.

Ele observava o rapaz. Vai dar tudo certo pra você, disse.

A garçonete trouxe o jantar, grossos pratos de louça com filé e molho e batata e feijão.

Vou buscar o pão de vocês.

O pai enfiou o guardanapo na camisa.

Não era comigo que eu estava preocupado, disse o rapaz. Posso falar isso?

O pai pegou a faca e cortou o filé. É, disse. Pode, sim.

A garçonete trouxe a cestinha de pão e colocou-a na mesa e foi embora. Eles comeram. O pai não comia muito. Após algum tempo empurrou o prato com o polegar e pegou outro cigarro e bateu-o no isqueiro e o colocou na boca e acendeu.

Você pode dizer qualquer coisa que passar pela sua cabeça. Diabos. Pode me encher o saco por causa do cigarro se quiser.

O rapaz não respondeu.

Sabe que não é o que eu queria, não sabe?

É. Eu sei.

Está cuidando bem de Rosco?

Ele não tem cavalgado.

Por que não vamos sábado?

Tudo bem.

Você não precisa ir se tiver outra coisa pra fazer.

Não tenho mais nada pra fazer.

O pai fumava, ele o observava.

Não precisa ir se não quiser, disse.

Eu quero.

Você e Arturo podem carregar e me pegar na cidade?

Claro.

Que horas?

Que horas o senhor se levanta?

Qualquer hora.

Estaremos lá às oito.

Vou estar pronto.

O rapaz balançou a cabeça. Continuou comendo. O pai olhou em volta. Vai saber com quem a gente tem que falar neste lugar pra arranjar um café, disse.

Ele e Rawlins haviam tirado as selas e soltado os cavalos na escravidão e deitavam-se nas mantas dos animais e usavam as selas como travesseiros. A noite era fria e límpida e as faíscas que subiam da fogueira passavam quentes e rubras entre as estrelas. Eles ouviam os caminhões na autoestrada e conseguiam ver o reflexo das luzes da cidade no deserto vinte e cinco quilômetros ao norte.

Que pensa fazer?, perguntou Rawlins.

Não sei. Nada.

Não sei o que você espera. Ele é dois anos mais velho que você.
Tem seu próprio carro e tudo.

Não tem nada com ele. Nunca teve.

Que foi que ela disse?

Não disse nada. Que ia dizer? Não tem nada a dizer.

Bem, não sei o que você espera.

Eu não espero nada.

Não vai sábado?

Não.

Rawlins tirou um cigarro do bolso da camisa e sentou-se e pegou uma brasa da fogueira e acendeu o cigarro. Ficou sentado fumando. Eu não deixaria que ela se aproveitasse de mim, disse.

Bateu a cinza da ponta do cigarro no salto da bota.

Ela não vale isso. Nenhum deles vale.

Ele não respondeu por algum tempo. Depois disse: Valem, sim.

Quando voltou ele esfregou e acomodou o cavalo e dirigiu-se para a casa pela cozinha. Luisa fora para a cama e a casa estava em silêncio. Ele pôs a mão no bule de café para ver se estava quente e pegou e encheu uma xícara e atravessou o corredor.

Entrou no gabinete do avô e foi até a mesa e acendeu a lâmpada e sentou-se na velha cadeira giratória de carvalho. Sobre a mesa havia um antigo calendário de latão montado em rodas que mudava as datas quando a gente o rodava sobre a base. Ainda marcava treze de setembro. Um cinzeiro. Um peso de papel de vidro. Um mata-borrão com a inscrição Palmer Feed and Supply. O retrato de formatura de ginásio de sua mãe numa pequena moldura de prata.

O cômodo recendia a fumaça velha de charuto. Ele recostou-se e apagou o pequeno abajur de latão e ficou sentado na escuridão. Pela janela da frente via a pradaria à luz das estrelas estendendo-se para o norte. As negras cruzes dos postes telefônicos encangavam-se ao longo das constelações de leste a oeste. O avô dizia que os comanches cortavam os fios e os emendavam com crina de cavalo. Ele se recostou e cruzou as botas no tampo da mesa. Relâmpagos secos no norte, a sessenta quilômetros de distância. O relógio bateu onze horas na sala da frente, depois do corredor.

Ela desceu a escada e parou à porta do gabinete e ligou o interruptor da luz na parede. Vestia seu robe e ficou parada com os braços cruzados, os cotovelos nas palmas das mãos. Ele ergueu o olhar para ela e tornou a olhar para a janela.

Que está fazendo?, ela perguntou.

Sentado.

Ela ficou ali parada dentro de seu robe por um longo tempo. Depois se virou e atravessou o corredor e tornou a subir a escada. Quando ele a ouviu fechar a porta levantou-se e apagou a luz.

Ainda houve uns poucos dias quentes e por vezes à tarde ele e o pai sentavam-se no quarto do hotel nos móveis de vime branco com a janela aberta e as cortinas de crochê fino enfunando-se no quarto e tomavam café e o pai punha um pouco de uísque dentro de sua xícara e ficava sentado bebericando e fumando e olhando a rua lá embaixo. Carros de prospecção de petróleo paravam ao longo da rua parecendo vir de zonas de combate.

Se o senhor tivesse dinheiro comprava?, perguntou o rapaz.

Eu tinha e não comprei.

Está falando dos atrasados do Exército?

Não. Depois disso.

Qual foi a maior quantia que já ganhou?

Você não precisa saber. Pegar maus hábitos.

Quer que eu traga o tabuleiro de xadrez uma tarde dessas?

Não tenho paciência pra jogar.

Tem paciência pra jogar pôquer.

Isso é diferente.

Qual é a diferença?

A grana, essa é a diferença.

Calaram-se.

Ainda tem muito dinheiro no chão lá, disse o pai. O primeiro I C Clark aberto no ano passado era um grande poço.

Bebericou seu café. Pegou os cigarros na mesa e acendeu um e olhou o rapaz e depois a rua de novo. Após algum tempo, disse:

Ganhei vinte e seis mil dólares em vinte e duas horas de jogo. Quatro mil dólares na última parada, três de nós pagando. Dois caras de Houston. Ganhei a mão com três rainhas.

Virou-se e olhou o rapaz. Ele continuava sentado à sua frente com a xícara a meio caminho da boca. Voltou-se e tornou a olhar pela janela. Não tenho um vintéim disso, disse.

Que acha que eu posso fazer?

Não creio que possa fazer muita coisa.

Vai falar com ela?

Não posso falar com ela.

Podia falar.

A última conversa que a gente teve foi em San Diego, Califórnia, em mil novecentos e quarenta e dois. Não é culpa dela. Não sou mais o que era antes. Gostaria de pensar que sim. Mas não sou.

É por dentro. Por dentro o senhor é.

O pai tossiu. Tomou um gole de sua xícara. Por dentro, disse. Ficaram calados por um longo tempo.

Ela está numa peça ou algo assim por lá.

É. Eu sei.

O rapaz pegou o chapéu no chão e o pôs no joelho. É melhor eu voltar, disse.

Você sabe que eu tinha aquele velho em alta conta, não sabe?

O rapaz olhou pela janela. Sei, disse.

Não venha chorar pra cima de mim agora.

Não estou chorando.

Bem, não chore.

Ele nunca desiste, disse o rapaz. Foi ele que me disse pra não fazer. Disse não vamos fazer um funeral antes de ter alguma coisa pra enterrar, mesmo que sejam só os trapos dele. Estavam acertando pra dar suas roupas.

O pai sorriu. É melhor fazerem isso, disse. A única coisa que me servia eram as botas.

Ele sempre achou que vocês iam voltar um pro outro.

É, sei que achava.

O rapaz levantou-se e pôs o chapéu. É melhor eu voltar, disse.

Ele se metia em brigas por causa dela. Mesmo já velho. Qualquer um que dissesse alguma coisa dela. Se ele soubesse. Não era nem digno.

É melhor eu ir indo.

Bem.

Ele tirou os pés da balaustrada da janela. Eu acompanho você até lá embaixo. Preciso pegar o jornal.

Ficaram parados no saguão de ladrilhos, enquanto o pai passava os olhos pelas manchetes.

Como pode Shirley Temple estar se divorciando?, perguntou.

Ergueu o olhar. Crepúsculo de início de inverno nas ruas. Eu podia cortar o cabelo, disse.

Olhou para o rapaz.

Sei como você se sente. Me senti do mesmo jeito.

O rapaz balançou a cabeça. O pai tornou a olhar o jornal e o dobrou.

O Bom Livro diz que os mansos herdarão a terra, e espero que isso provavelmente seja verdade. Não sou muito moderno, mas vou dizer uma coisa. Estou longe de acreditar que seja algo tão bom assim.

Olhou o rapaz. Tirou a chave do bolso do paletó e a entregou a ele.

Vá lá em cima. Tem uma coisa pra você no armário.

O rapaz pegou a chave. Que é?, perguntou.

Só uma coisa que comprei pra você. Ia lhe dar no Natal mas estou cansado de viver topando com ela.

Sim, senhor.

De qualquer modo você parece que precisa de um pouco de estímulo. É só entregar a chave na recepção quando descer.

Sim, senhor.

Até logo.

Tudo bem.

Ele tornou a subir no elevador e atravessou o corredor e enfiou a chave na porta e foi ao armário e o abriu. No chão com dois pares de botas e um monte de camisas sujas havia uma sela Hamley Formfitter novinha em folha. Ele a pegou pelo arção e fechou o armário e levou-a até a cama e desenrolou-a e ficou admirando.

Fogo do inferno e danação, disse.

Deixou a chave na portaria e cruzou a porta da rua com a sela no ombro.

Desceu a South Concho Street e largou a sela no chão e ficou parado na frente dela olhando-a. Acabava de escurecer e as luzes dos postes haviam se acendido. O primeiro veículo a passar foi um caminhão Ford Modelo A que parou derrapando de lado nos freios mecânicos e o motorista se curvou no banco e abriu a outra janela pela metade e trovejou para ele com uma voz de uísque: Joga esse troço na carroceria, vaqueiro, e sobe aí.

Sim, senhor, ele disse.

Choveu toda a semana seguinte e depois clareou. Em seguida voltou a chover. A chuva batia sem piedade no duro chapado das planícies. A água cobriu a ponte sobre a autoestrada em Cristoval e a estrada foi fechada. Enchentes em San Antonio. Com a capa de chuva do avô ele foi a cavalo até o pasto de Alicia onde a cerca sul estava mergulhada até o arame de cima. O gado de pé ilhado fitando tristemente o cavaleiro. Redbo ficou parado olhando tristemente o gado. Ele apertou os flancos do cavalo com os saltos das botas. Vamos, disse. Não gosto mais disso que você.

Ele e Luisa e Arturo comiam na cozinha quando ela estava fora. Por vezes à noite após o jantar ele caminhava até a estrada e pegava uma carona até a cidade e andava pelas ruas e ficava parado diante do hotel na Beauregard Street e olhava a janela no quarto andar lá em cima onde a forma ou a sombra do pai passava por trás das finas cortinas e dava a volta e tornava a passar como um urso de lata numa galeria de tiro só que mais devagar, mais fina, mais agoniada.

Quando ela retornou eles voltaram a comer na sala de jantar, os dois nos extremos opostos da comprida mesa de nogueira e Luisa os servia. Ela levou os últimos pratos e voltou-se da porta.

Algo más, señora?

No, Luisa. Gracias.

Buenas noches, señora.

Buenas noches.

A porta fechou-se. O relógio tiquetaqueava. Ele ergueu o olhar.
Por que não pode me arrendar a fazenda?

Arrendar a fazenda a você.

É.

Achei que eu tinha dito que não queria discutir isso.

É um novo assunto.

Não, não é, não.

Eu lhe dava o dinheiro todo. A senhora podia fazer o que quisesse.

O dinheiro todo. Você não sabe do que está falando. Não tem dinheiro nenhum. Este lugar mal pagou as despesas durante vinte anos. Nenhum branco trabalha aqui desde antes da guerra. De qualquer modo você tem dezesseis anos, não pode dirigir uma fazenda.

Posso, sim.

Está sendo ridículo. Precisa ir pra escola.

Ela pôs o guardanapo na mesa e empurrou a cadeira para trás e levantou-se e saiu. Ele empurrou a xícara de café à sua frente. Recostou-se na cadeira. Na parede defronte acima do aparador havia um quadro a óleo de cavalos. Meia dúzia deles irrompia num curral de mourões e tinham longas crinas açoitadas e olhos loucos. Havia sido copiados de um livro. Tinham o comprido focinho andaluz e os ossos da cara mostravam sangue árabe. Viam-se as garupas dos poucos à frente, traseiras boas e suficientemente pesadas para dar um cavalo de primeira. Como se talvez tivessem limalha de aço no sangue. Mas nada mais combinava e jamais houvera um cavalo assim que ele tivesse visto e certa vez perguntara ao avô que tipo de cavalos eram aqueles e o avô erguera o olhar do prato para o quadro como se nunca o tivesse visto antes e dissera são cavalos de livro de figuras e continuara comendo.

Ele subiu a escada até o mezanino e encontrou o nome de Franklin num arco de letras estampado no vidro fosco e tirou o chapéu e girou a maçaneta e entrou. A garota à mesa ergueu os olhos.

Vim falar com o senhor Franklin, ele disse.

Tem hora marcada?

Não, senhora. Ele me conhece.

Como se chama?

John Grady Cole.

Só um minuto.

Ela entrou na outra sala. Depois saiu e balançou a cabeça.

Ele se levantou e atravessou a sala.

Entra, filho, disse Franklin.

Ele entrou.

Senta aí.

Ele sentou.

Quando ele disse o que tinha a dizer Franklin recostou-se e olhou pela janela. Balançou a cabeça. Voltou-se e cruzou as mãos na mesa à sua frente. Em primeiro lugar, disse, não tenho liberdade para assessorar você. Isso se chama conflito de interesses. Mas acho que posso

lhe dizer que aquilo é propriedade dela e ela pode fazer o que quiser com ela.

Eu não tenho nenhuma voz.

Você é menor.

E meu pai.

Franklin tornou a recostar-se. É uma questão pegajosa, disse.

Eles não são divorciados.

São, sim.

O rapaz ergueu o olhar.

É uma questão de conhecimento público logo não creio que seja quebra de confiança. Saiu no jornal.

Quando?

Foi concluído há três semanas.

Ele baixou os olhos. Franklin o observava.

Foi concluído antes da morte do velho.

O rapaz balançou a cabeça. Entendo o que quer dizer, disse.

É um negócio chato, filho. Mas acho que é assim que vai ser.

O senhor não podia conversar com ela?

Já conversei.

Que foi que ela disse?

Não importa o que disse. Não vai mudar de ideia.

Ele balançou a cabeça. Ficou sentado olhando o chapéu.

Filho, nem todo mundo acha que a vida numa fazenda de gado no oeste do Texas é a segunda coisa melhor depois de morrer e ir pro céu. Ela não quer viver lá, só isso. Se fosse uma coisa que desse dinheiro seria diferente. Mas não é.

Podia ser.

Bem, não quero entrar numa discussão sobre isso. De qualquer modo, ela é uma mulher jovem e o que imagino é que gostaria de ter um pouco mais de vida social do que teve de se acostumar a ter.

Ela tem trinta e seis anos.

O advogado recostou-se. Girou de leve na cadeira, bateu no lábio inferior com o indicador. A culpa é dele mesmo, porra. Assinava todo papel que punham na frente dele. Jamais levantou um dedo pra se salvar. Diabos, eu não podia dizer a ele. Disse a ele pra arranjar um advogado. Disse? Implorei a ele.

É, eu sei.

Wayne me disse que ele deixou de ir ao médico.

Ele balançou a cabeça. É. Bem, obrigado pelo seu tempo.

Sinto não ter notícias melhores pra você. Fique à vontade pra falar com outra pessoa.

Tudo bem.

Que está fazendo fora da escola hoje?

Faltei.

O advogado balançou a cabeça. Bem, disse. Isso explica.

O rapaz levantou-se e pôs o chapéu. Obrigado, disse.

O advogado levantou-se.

Tem coisas neste mundo que a gente não pode dar jeito, disse. E acho que provavelmente esta é uma delas.

É, disse o rapaz.

Depois do Natal ela vivia fora o tempo todo. Ele e Arturo e Luisa sentavam-se na cozinha. Luisa não podia falar do assunto sem chorar e por isso não falavam. Ninguém sequer dissera à mãe dela, que vivia na fazenda desde antes da virada do século. Finalmente Arturo foi obrigado a dizer-lhe. Ela ouviu e balançou a cabeça e deu as costas e foi só.

De manhã ele estava de pé na beira da estrada ao raiar do dia com uma camisa limpa e um par de meias numa sacola de couro com a escova de dentes e a navalha e o pincel de barba. A mochila pertencera ao avô e o capote revestido de manta que usava fora do pai. O primeiro carro que passou parou para ele. Ele entrou e pôs a mochila no chão e esfregou as mãos entre os joelhos. O motorista curvou-se por cima dele e testou a porta e pôs a comprida alavanca em primeira e partiram.

A porta não fecha bem. Aonde está indo?

San Antonio.

Bem, eu só vou até Brady, Texas.

Eu agradeço.

É comprador de gado?

Senhor?

O homem indicou com a cabeça a mochila com as correias e as fivelas de latão. Perguntei se é comprador de gado.

Não, senhor. É só minha mala.

Achei que talvez você fosse comprador de gado. Há quanto tempo estava ali parado?

Só alguns minutos.

O homem apontou um botão de plástico no painel que fulgia com uma cor laranja baça. Esta coisa tem um aquecedor mas não esquenta muito. Está sentindo?

Sim, senhor. Me parece muito bom.

O homem indicou com a cabeça a madrugada cinzenta e maligna. Moveu lentamente a mão nivelada à sua frente. Está vendo aquilo? perguntou.

Sim, senhor.

Ele balançou a cabeça. Eu desprezo o inverno. Jamais soube pra que serve o inverno.

Olhou para John Grady.

Você não é de falar muito, é?, perguntou.

Não muito.

Isso é bom.

Foi uma viagem de cerca de duas horas até Brady.

Atravessaram a cidade e o homem deixou-o do outro lado.

Fique na Oitenta e Sete quando chegar a Fredericksburg. Não salte na Noventa e Dois que vai dar direto em Austin. Está ouvindo?

Sim, senhor. Muito obrigado.

Fechou a porta e o homem balançou a cabeça e ergueu a mão e o carro fez a volta na estrada e retornou. O carro seguinte a passar parou e ele subiu.

Até onde vai?, perguntou o homem.

A neve caía em San Saba quando o atravessaram e também no Edwards Plateau e nos Balcones o calcário estava branco de neve e ele ficou sentado vendo os flocos cinzentos fulgirem no vidro do para-brisa na esteira do limpador. Uma lama translúcida começara a se formar na beira do asfalto e o gelo cobria a ponte sobre os Pedernales. A água verde deslizando lentamente pelas negras árvores das margens. Os algarobos à beira da estrada tão cobertos de visco que pareciam

carvalhos. O motorista ia curvado sobre o volante assoviando baixinho para si mesmo. Entraram em San Antonio às três da tarde sob uma neve de açoite e ele desceu e agradeceu ao homem e subiu a rua e entrou no primeiro café que encontrou e sentou-se ao balcão e pôs a mochila no tamborete ao lado. Pegou o pequeno cardápio de papel do escaninho e abriu-o e olhou-o e olhou o relógio na parede do fundo. A garçonete pôs um copo de água à sua frente.

A hora aqui é a mesma que em San Angelo?, ele perguntou.

Eu sabia que você ia me perguntar uma coisa assim, ela disse. Tinha toda a pinta.

Não sabe?

Nunca estive em San Angelo, Texas, em minha vida.

Eu queria um cheeseburger e um milk-shake de chocolate.

Veio pro rodeio?

Não.

A hora é a mesma, disse um homem mais afastado no balcão. Ele agradeceu.

A hora é a mesma, disse o homem. A mesma hora.

Ela acabou de anotar o pedido e ergueu o olhar. Eu não iria lá por nada, ele disse.

Ele andou pela cidade debaixo da neve. Escureceu cedo. Ele ficou parado na ponte da Commerce Street vendo a neve desaparecer no rio. Ela cobria os carros estacionados e o trânsito na rua escura quase parara, só uns poucos táxis e caminhões, os faróis avançando devagar em meio à neve a cair e passando num baixo rumor de pneus. Ele foi à ACM na Martin Street e pagou dois dólares pelo quarto e subiu. Tirou as botas e colocou-as no aquecedor e tirou as meias e estendeu-as sobre o aquecedor ao lado das botas e pendurou o casaco e deitou-se na cama com o chapéu sobre os olhos.

Às dez para as oito estava parado diante da bilheteria de camisa limpa com o dinheiro na mão. Comprou uma poltrona no balcão, terceira fila, e pagou por ela um dólar e vinte e cinco.

Nunca vim aqui antes, disse.

É uma boa poltrona, disse a moça.

Ele agradeceu e entrou e entregou o ingresso ao lanterninha, que o levou para a escada atapetada de vermelho e devolveu-lhe o ingress-